



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO EM CINEMA E AUDIOVISUAL

JACKSON SOARES SILVA

**MEMORIAL ANALÍTICO-DESCRITIVO
CHEGA MAIS: MÉDIA-METRAGEM DOCUMENTAL**

Vitória da Conquista
2018

JACKSON SOARES SILVA

**MEMORIAL ANALÍTICO-DESCRITIVO
CHEGA MAIS: MÉDIA-METRAGEM DOCUMENTAL**

Memorial Analítico-Descritivo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Cinema e Audiovisual como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel.

Orientador: Prof. Rogério Luiz.

Vitória da Conquista
2018



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
Curso de Cinema e Audiovisual

BANCA EXAMINADORA

Prof. Rogério Luiz Silva de Oliveira (DFCH/UESB)
(Orientador)

Prof. Filipe Brito Gama (DFCH/UESB)

Prof. Élica Luiza Paiva (DFCH/UESB)

Suplente

Prof. Cristiano Figueira Canguçu (DFCH/UESB)

Prof. Halysson Frankleynyelly Dias Santos (DELL/UESB)

Local e Data da Defesa de Tese: Vitória da Conquista, 24 de maio de 2018

Resultado: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me permitir viver uma paixão pela fotografia, que me levou de encontro ao curso de Cinema e Audiovisual. Lá encontrei não apenas mestres, mas amigos que levarei por toda a vida, junto com todos os conhecimentos adquiridos no decorrer do curso. Um corpo docente dedicado e apaixonado pela sétima arte, promovendo e fortalecendo toda essa magia que encontrei no cinema. Sou muito grato a todos os meus professores do curso e a meu orientador Rogério Luiz por tanta dedicação e disponibilidade. Agradeço também aos meus amigos e colegas de curso que me acompanharam durante o processo de formação acadêmica, em especial a Silvaneide Dias, Hildecarla Pires e Filipe Amaral, que participaram da maioria das atividades com o grupo denominado "SOPRANOS", no qual tentamos iniciar um projeto para esse trabalho de conclusão do curso. Não poderia deixar de citar que esse foi realizado com a imensa colaboração de Amandia Moreira e Keity Emanuelle, que mesmo após a saída do grupo se mantiveram dispostas em todas as solicitações de ajuda, sou eternamente grato a vocês. Por fim agradeço a Ruan Cardoso pela paciência e total apoio neste trabalho.

RESUMO

Apresento neste memorial analítico-descritivo o processo de idealização e construção do média-metragem documental intitulado *Chega Mais*, realizado como trabalho de conclusão de curso, requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual no Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Na descrição, destaco o conhecimento adquirido no curso, aplicado como prática nesse trabalho final, um documentário que aborda o cenário cultural do *rap* na cidade de Vitória da Conquista - BA, por meio de uma personalidade envolvida com esse cenário cultural *Supremo Mc* que acompanho em uma jornada para a divulgação e promoção de uma festa *POUPA DA BUNDA*. Nela, o artista enfrenta os desafios de um cantor e produtor independente, ao mesmo tempo em que sua história de como se envolveu com o *rap* vem sendo mostrada. Procuro ainda explicar o processo de pesquisa do tema escolhido, pré-produção, produção e pós-produção desse documentário, enfatizando a técnica e a teoria cinematográfica e audiovisual.

PALAVRAS-CHAVES: Média-metragem; Cultura de massa; Documentário; Rap.

SUMÁRIO

Apresentação.....	7
1. Relação pessoal com o tema do filme.....	8
2. Como surgiu a ideia	9
3. Definição da estética	11
4. Caminhos novos.....	16
5. Pré-produção	18
5.1 O uso de videoclipes prontos no documentário.....	18
6. Fotografia	21
7. Som	24
8. Montagem	27
9. Equipamentos	28
10. Pós-produção	29
11. Considerações finais	32
Referências bibliográficas.....	33

APRESENTAÇÃO

Trago para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) o média-metragem documental, intitulado *Chega Mais*, buscando entender mais sobre um fenômeno artístico que já tem seu espaço no meio cultural de Vitória da Conquista-BA há certo tempo, mas que aparenta ser relativamente novo, devido aos meios de disseminação que facilitam a distribuição deste produto regional nos dias atuais. O documentário dá voz ao artista Supremo Mc, que já tem sua relevância na cena musical na cidade por integrar um dos grupos mais conhecidos pelo público alternativo, o Complexo Ragga. Esse personagem traz consigo a visão de artista e produtor para o documentário o qual foca no processo em que o Rap/trap/hip-hop tem conquistado seu espaço, reconhecimento e auto sustentabilidade numa cidade em que predomina um hábito boêmio de bares e botecos com uma presença musical normativa, com relação a lírica musical. No atual contexto situacional, Vitória da Conquista prontamente possui um público fiel aos meios culturais alternativos, nos quais se fazem presentes as festas e eventos promovidos pelos grupos de rap que se mantêm ativos na produção e no consumo de sua própria cultura.

Adentrando nessas discussões do fazer arte *versus* indústria podemos inserir a questão do fazer musical numa cidade do interior do Nordeste como algo rentável para estes artistas. Tendo em vista que sua sustentabilidade provém dos recursos advindos desse trabalho, pois não devemos tratar essa profissão (músico) como algo banal, mesmo que inúmeras vezes a sociedade a trate deste modo. Devemos ter noção que cada produto não é dado, existe um meio de produção detrás disso, exigindo trabalho árduo, tempo para produção das músicas para que atinja qualidade sonora e se torne equivalente ao *trap* nacional. Assim, o consumo regional poderá expandir disseminando cultura com o mesmo poder de concorrência das demais regiões. Vale salientar inclusive, que, apesar de o *rap* ser uma cultura importada, encontra-se em constante busca para alcançar uma característica mais brasileira, trazendo um *rap* de identidade própria para que o público identifique e consuma mais aquilo que é feito para ele e sobre ele. Sob essa perspectiva, inserem-se os grupos de Vitória da Conquista, com um estilo voltado para as questões nordestinas e regionais, expandindo sua cultura para outros estados e regiões.

1. RELAÇÃO PESSOAL COM O TEMA DO FILME

Antes de iniciar o documentário, eu pouco conhecia sobre a o rap e menos ainda sobre a cultura dessa arte em Vitória da Conquista. Escolher o grupo que veio a trabalhar com esse tema foi apenas uma questão de afinidade técnica unindo forças em prática e teoria acadêmica. Entretanto, entrar em um assunto desconhecido, além de instigante a nível de conhecimento, também me colocou na mesma situação do público alvo do filme e com isso pude aprimorar a narrativa num formato que atingisse de fato os espectadores possibilitando uma reflexão sobre essa cultura ainda pouco conhecida se comparado a outros meios culturais.

Me identifiquei não só com as músicas, mas também com o formato que esses artistas trabalham para manter e promover uma arte que muitas vezes é discriminada pela sociedade que joga e condena, mesmo conhecendo pouco ou nada do assunto. Ao pesquisar sobre o tema, notei a boa relação dos artistas do rap com os estudantes do curso de Cinema e Audiovisual, que se ajudam em produções de baixo orçamento promovendo a arte e a cultura para o público de ambas as partes.

2. COMO SURTIU A IDEIA

No sexto período do curso de Cinema e Audiovisual da UESB, iniciamos na matéria de Metodologia e Pesquisa a formação dos possíveis grupos e escolha dos temas para o trabalho de conclusão do curso, previamente sabendo que este tema poderia ser alterado até o oitavo período na matéria de TCC. Sendo assim, a primeira ação foi escolher a de escolher um dos modelos de trabalho entre Monografia, Roteiro, Curta-metragem Ficção, Média-metragem Documentário, Animação ou Game. Optando pela produção de um Média-metragem Documental, a segunda fase foi escolher um grupo com a mesma modalidade de trabalho, tendo em vista que o Regimento de Trabalho de Conclusão de Curso de Cinema e Audiovisual permite um grupo com 4 pessoas no máximo para esta produção.

Com a equipe de 3 pessoas, eu (Jackson Soares), Keity Emanuelle e Amandia Moreira nos reunimos para escolha do tema desse documentário. Durante todo o período da matéria Metodologia e Pesquisa, buscamos por um tema para a produção e ao final da disciplina decidimos entre votação do grupo pelo tema “Cultura de Massa”, pois o total desconforto resultante de uma invasão de produtos importados e o menosprezo pela arte nacional nos chamou atenção. Após o contato com teorias sobre cultura para as massas, surgiu o interesse em tentar transformar essas teorias em uma obra fílmica. Para que essa tentativa se tornasse viável, fez-se necessário adentrar em algo que fosse próximo de nós.

A nossa forma de enxergar e interpretar a atual realidade sócio-econômica-cultural do país também foi uma das razões que nos impulsionou a escolhermos um documentário que seja voltado para a sociedade conquistense. O que nos levou a fazê-lo em Vitória da Conquista foi o *boom* musical que ocorre na cidade oriundo do seu quadro social, pois, por ser a terceira maior cidade da Bahia, é intensamente habitada por pessoas vindas de outros lugares, além da proximidade da cidade com municípios da região e de outros estados, como Minas Gerais, por exemplo, e pelo aumento de faculdades e universidades.

Outro fator crucial que nos direcionou para a escolha deste pré-projeto foram grupos específicos de Rap da cidade que produzem e consomem seus trabalhos e estão

se fortalecendo através de divulgações numa plataforma mais acessível, a internet. A princípio, o foco deste trabalho foi no consumo do produto local e sua importância para o fortalecimento das produções de eventos, festivais, videoclipes e todas as mídias eletrônicas e o que levou o público a consumi-lo. Outro ponto a ser abordado no documentário seria a periferia do município, lugar onde havia um grande consumo de produtos rotulados "elitizados" e que, após uma mudança no quadro musical, foram perdendo força e espaço para os músicos locais.

Decidimos focar em grupos independentes que procuram se destacar no mercado musical da cidade e nos artistas que ascenderam e migraram para além dela. Além disso, mostrar que este nicho específico gosta de consumir aquilo que é feito para ele, com mensagens que se aproximam mais de sua realidade. A partir disso, fomos para as pesquisas de campo para conhecer melhor o cenário que entraríamos para a gravação.

3. DEFINIÇÃO DA ESTÉTICA

Com o grupo formado e tema definido, decidimos através das pesquisas de campo, começar a captação das primeiras imagens do documentário acompanhando a produção de videoclipes dos possíveis personagens para o filme. Acompanhamos e gravamos, sem interferir nos acontecimentos, a produção do clipe da música “O Segredo do Jogo” de Ruan Cardoso (Supremo Mc). Captando o máximo de imagens possível com duas câmeras, pois como a estética do filme ainda não estava claramente definida, ainda não sabíamos exatamente do que seria preciso. Foi um dia intenso de gravação e captamos mais de 50Gb de imagem, e pudemos ver de perto todas as dificuldades e obstáculos enfrentados por uma produção independente que buscava um nível de qualidade capaz de ultrapassar os limites regionais, desde problemas com equipamentos a problemas com equipe. Mas visualizamos também a união de um grupo de pessoas envolvidas com o Rap em Vitória da Conquista, onde nessa mesma gravação do clipe de Supremo Mc encontramos alguns dos cantores e produtores de Rap da cidade, ajudando na atuação e produção voluntariamente para superar as barreiras encontradas. Mostrou-se importante realizar esse acompanhamento da produção de perto, pois nesse primeiro dia notamos o tamanho do cenário que decidimos realizar o nosso trabalho e, assim, optamos por focar apenas em três grupos que julgamos destacados na cidade, Supremo Mc, La Lunna e WUBeco. Passamos a acompanhar a movimentação artística destes grupos com a intenção de gravar imagens para nosso documentário e conseguimos acompanhar uma produção do clipe da música “Sem Massagem” de La Lunna, desde a gravação da música no estúdio até as filmagens do videoclipe. Usamos o mesmo sistema e objetivos do clipe de “O segredo do Jogo”. Nas gravações, aproveitamos para filmar breves entrevistas com os integrantes que serviriam tanto para pesquisa, como para uma possível inserção no documentário.

Com bastante material em mãos, marcamos a orientação com o Professor Rogério Luiz, do Curso de Cinema e Audiovisual da UESB, e foram analisadas as imagens e solicitado uma primeira edição do material com um minuto de duração para triarmos um caminho em direção a um documentário de fato. Nesse primeiro exercício que denominamos de X1, estudamos os arquivos e encontramos uma grande preocupação: a dificuldade de montar um documentário com o mínimo de entrevista, mas que não

ficasse semelhante a um *making-off* de clipe, já que a maioria de nossas imagens eram dos dias que acompanhamos os bastidores das produções e ainda precisaríamos mostrar trechos dos videoclipes prontos tendo em vista que estes são o principal meio de divulgação dos artistas escolhidos. Durante as gravações do clipe "Sem Massagem", tivemos que concentrar nosso olhar nos preparativos da produção e da direção de arte, isso fez com que *X1* fosse construído basicamente por imagens de arquivo, o que o caracterizava como um *making-off*. Foi importante ter feito o *X1* na definição da estética do nosso documentário, pois essa questão ainda estava muito vazia e a partir dele começamos a perceber algumas necessidades exigidas pelo processo. Apresentando o primeiro exercício, foi discutido a estética e pedido pelo orientador um segundo material editado, agora de 3 minutos, *X2*.



Figura 1: Frame do filme *X1*. Making-off do clipe de La Lunna.

Notamos outra vez que nossas imagens caminhavam mais para um *making-off* onde a música se fazia necessário devido ao tema do documentário. Ainda utilizando imagens dos videoclipes produzidos pelos próprios artistas, em *X2* conseguimos atingir minimamente o objetivo do documentário. A entrevista realizada com um dos integrantes do *Grupo WuBeco* nos motivou a abordar a questão da cultura de massa, pois a fala do entrevistado sempre retomava às questões sociais e midiáticas. Contudo, *X2* nos fez perceber que erramos bastante nas gravações, pois apesar de ter iniciado já com a

intenção de não interferir nos acontecimentos, falhamos com o áudio em que além de muitas conversas do nosso grupo próximo a câmera, não ficamos atentos ao que se captava referente as conversas dos personagens. Deixamos de aproveitar muitas imagens por essa falha técnica, mas como ainda tínhamos muito a filmar, mostrava-se a tempo de corrigir.

Ainda em X2 percebemos também que não ficaria legal um documentário totalmente sem entrevistas, mostrando-se sem força suficiente para apresentar um campo tão extenso como o Rap em Vitória da Conquista, então veio a orientação para o X3 com 5 minutos de duração e com a presença das entrevistas.

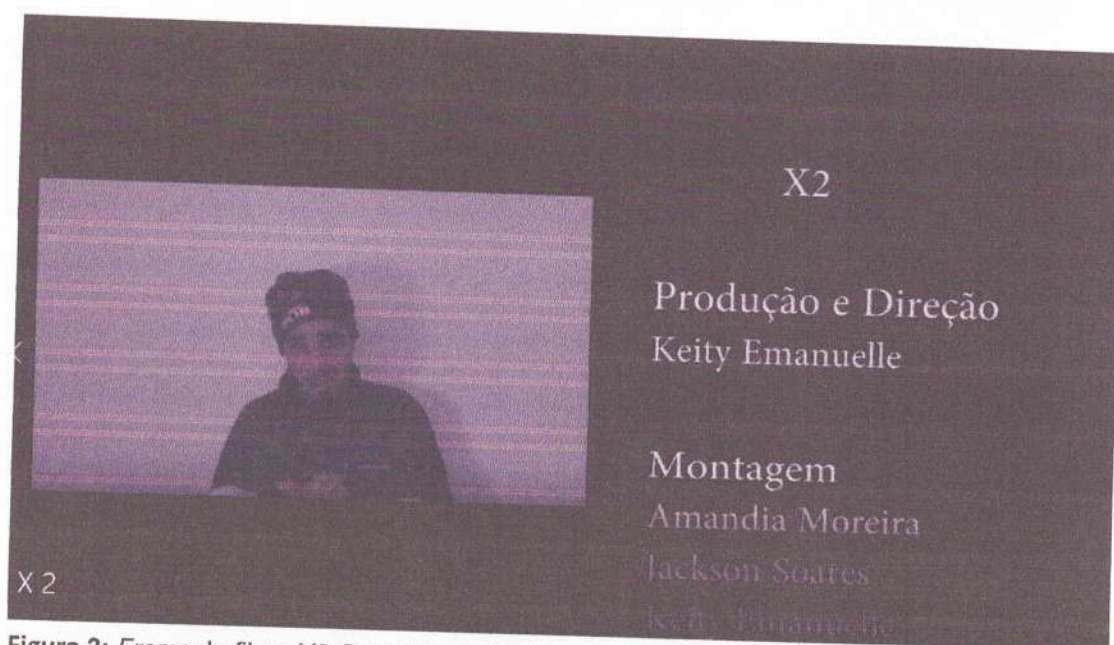


Figura 2: Frame do filme X2. Depoimento final com o grupo Wubeko nos créditos finais.)

O X3 foi essencial para definição da estética. Tivemos um prazo maior de entrega do exercício e decidimos captar novas imagens bem como as entrevistas com os personagens do documentário. Nesse mesmo período, começou a decadência do projeto, pois encontramos muitas dificuldades no agendamento com os entrevistados, além da falta de disponibilidade de nossa própria equipe. Conseguimos gravar a entrevista com Supremo Mc e mais algumas imagens de La Lunna, com os novos conceitos de gravação, tendo mais cuidado com o som direto. Com o desafio de montar esse exercício, saímos da sombra de um *making-off* por meio das entrevistas e imagens com o som direto. Apesar de que X3 foi propositalmente deixado como um *making-off* do clipe "O Segredo

do Jogo” já deixamos definido ali qual seria a estética do documentário. Por termos muitas imagens de arquivo e pouquíssimo conteúdo sobre o eixo central do documentário (cultura de massa), nos vimos com a pequena dificuldade de não termos, até então, onde ancorar teoricamente nosso projeto. Diante disso, o professor orientador nos sugeriu a mudança de eixo onde buscaríamos teóricos e escritores que falassem sobre a produção audiovisual com imagens de arquivo. Então, tivemos o primeiro corte do que seria o filme pronto, onde enfrentamos os piores problemas da produção.



Figura 3: Frame do filme X3. Entrevista com Supremo Mc.

Com o prazo para entrega do material se aproximando, tivemos a triste notícia da saída de Amandia Moreira do grupo por motivos acadêmicos e pessoais. Assim, diante do grupo enfraquecido e com as dificuldades de agendamentos com os personagens, decidimos adiar um semestre a entrega do filme para conseguir um prazo melhor. Ao retomar o projeto no semestre seguinte, a equipe foi desfeita mais uma vez, dessa vez Keity Emanuelle saiu do projeto pelos mesmos motivos, mas decidi seguir em frente com o mesmo material. Ao entregar o primeiro corte do filme para o professor orientador, analisamos sobre a força narrativa do filme que seria incapaz de mostrar a real situação do Rap em Vitória da Conquista, pois seria necessário muito mais filmagens e agora não tinha mais uma equipe de produção. Notamos então que em todos os exercícios

anteriores, um dos personagens se destacava com muita força dos demais, o Supremo Mc.

4. CAMINHOS NOVOS

Ter assumido a direção do filme (antes dirigido por Keity Emanuelle) foi uma decisão que por um lado me sobrecarregou com as múltiplas funções, mas por outro lado me deu autonomia e agilidade para finalizar o material, pois não dependia de reuniões de equipe nem de decisões em conjunto. A primeira decisão importante foi sobre o título do filme: *Chega Mais* retirado de um bate papo com Supremo Mc, no qual ele fala sobre a “galera ter que chegar mais” para reconhecer o trabalho dos artistas. Seguindo a orientação do professor, decidi falar sobre o Rap em Vitória da Conquista tendo como foco principal o artista “Supremo Mc”. Além de todo material voltado para este personagem, o acesso a ele era mais facilitado que dos outros personagens citados anteriormente. Então pude marcar um acompanhamento do cotidiano de Ruan Cardoso na produção de uma das festas, *POPA DA BUNDA*. Com uma câmera mais consciente em relação a estética do filme, pude captar imagens e áudio que deram uma roupagem nova ao documentário, estando totalmente liberto da sombra de um *making-off* e de fato tomando o caminho de um documentário. Segundo as características de documentário citadas por Bill Nichols no livro *Introdução ao documentário*:

“Se no modo participativo prevê o ponto de encontro para processos de negociação entre cineasta e participante do filme, no modo reflexivo, são os processos de negociação entre cineasta e espectador que se tornam o foco de atenção. Em vez de seguir o cineasta em seu relacionamento com os outros atores, nós agora acompanhamos o relacionamento do cineasta conosco, falando não só do mundo histórico como também dos problemas e questões da representação.” (NICHOLS, 2010, p. 162).

No dia das novas gravações pedi a Ruan que tentasse esquecer a câmera e conversasse comigo como um bate papo, explicando-me tudo que estava acontecendo durante aquele dia e avisei que iria responder mais através de gestos para que não captasse o meu áudio. Assim, seguimos as gravações durante todo o dia em que ele estava trabalhando na produção da festa. As novas gravações assumiram a linha que conduzem a narrativa do documentário, onde acompanhamos a jornada de Ruan na produção da festa, paralelamente a entrevista e imagens contando seu envolvimento com o Rap.

Com a estética definida e novas imagens acrescentadas, apresentei ao orientador uma versão do que seria o filme *Chega Mais*. Quase finalizado, identificamos alguns excessos no uso de videoclipes no documentário e para resolver tal problema decidi fazer a gravação da festa que estava sendo promovida por Ruan (Popa da Bunda), assim o filme construía uma história completa com início, meio e fim sobre a produção da festa.



Figura 4: Frame do documentário *Chega Mais*. Supremo MC divulga festa.

5. PRÉ-PRODUÇÃO

Uma pré-produção bem estruturada garante a fluidez de qualquer trabalho. Escolher o tema, pesquisar o assunto, calcular a viabilidade do projeto, organizar o cronograma de filmagens, conseguir equipamento, equipe e recursos, requer um trabalho árduo da produção. Na primeira fase do trabalho, quando ainda éramos um grupo, subdividimos as funções deixando Amandia Moreira a frente dessa pré-produção. O roteiro foi construído como guia inicial, porém como ainda não estávamos certos em relação a narrativa do filme, foi preciso reconstruir esse roteiro de acordo as alterações já ao decorrer das etapas. Dificilmente um documentário que trabalha com a realidade poderá seguir um roteiro escrito antes das filmagens. Segundo Sergio Puccini:

Documentários de arquivo, históricos ou biográficos, que tratam de eventos passados, podem muito bem ser "escritos" antes do início das filmagens. O mesmo já não ocorre se a abordagem do assunto exigir o registro de um evento que não esteja necessariamente vinculado à vontade de produção do filme, como documentários que exploram um corpo-a-corpo com o real, aspecto que define a estilística do documentário direto. (PUCCINI.Sergio. 2007. P. 75)

Nessa Segunda Fase do documentário em que assumi a direção do filme, o tempo da pré-produção referente a nova gravação estava limitado. Optei por não criar um roteiro e usei o tempo disponível com a pesquisa sobre o personagem em foco no novo projeto. O primeiro passo da pesquisa foi assistir todo o material novamente e filtrar o que era referente a Supremo Mc. Pude usar a entrevista gravada no projeto anterior como fonte de pesquisa da biografia do personagem. Após as pesquisas, apresentei o projeto a Ruan que aceitou participar e colaborar com a produção do filme, pois era de seu próprio interesse ter um documentário sobre o *rap* tendo ele como personagem principal. Daí por diante, as gravações foram agendadas em um cronograma envolvendo, filmagem, edição e orientação com o professor Rogério Luiz.

5.1. O USO DE VIDEOCLIPES PRONTOS NO DOCUMENTÁRIO

A decisão de usar o material audiovisual produzido pelos personagens do filme foi tomada desde a pesquisa de campo, quando percebemos que os videoclipes são o

principal meio de circulação dos trabalhos desses artistas. Estávamos falando de música, de se reconhecer e reconhecer a sua realidade nas letras, além da necessidade da valorização do artista independente, logo, é de suma importância que a produção desses artistas fosse inserida no documentário. Deixá-los à parte poderia ir contra ao que nós estávamos propondo: estaríamos praticando, de certa forma, a desvalorização do artista nacional, baiano, independente.

No entanto, sobreveio a preocupação de usar trechos curtos para não deixar que esse material se sobressaísse perante as imagens produzidas especialmente para o documentário. Então surgiu a ideia de acompanhar as gravações dos videoclipes e produzir as próprias imagens sobre o assunto. Dessa forma, manteríamos a proposta sem prejudicar o conteúdo.

Recorrente à pré-produção deste documentário, assim como qualquer outra produção audiovisual para estudantes do curso, nos baseamos no cinema de guerrilha, expressão usada para quem procura fazer uma produção de qualidade artística alta, mas com poucos recursos financeiros. Seguimos essa linha e ela decidiu muito o que adotamos na estética da fotografia também. Em algumas reuniões haviam sido definidos que o uso de uma ou duas câmeras na mão apenas, já seriam o suficiente para atuarem como câmera observadora. Inúmeras decisões foram tomadas durante este período, já que sabíamos bem os lugares, espaços físicos em que adentraríamos; o que mais nos dava insegurança seria captar entrevistas para que o som ficasse relativamente bom ao que acrescentaríamos na pós-produção e as entrevistas ou cenas noturnas nas quais seria preciso o uso de iluminação artificial.

Como disse acima, Amandia Moreira ficou responsável para conseguir determinados equipamentos, como dois refletores (pau de fogo), baterias reserva para câmera, um gravador; eu já tinha alguns de captura de imagens (câmeras, objetivas, tripés) e de iluminação e Keity tinha uma câmera. Foi durante a pré-produção que também definimos, por alto, o percurso de cada um nesse documentário, já que haviam determinados dias na semana em que um integrante do grupo não poderia participar. Então, foi de extrema importância dividir dias de filmagens e listar de afazeres para que não sobrecarregasse ninguém e para que todos pudessem fazer um pouco do trabalho.

Apesar do pouco tempo, procuramos abraçar a pré-produção e tentar definir tudo com muita cautela, pois pelas experiências no curso, notamos que esse tipo de organização nos leva a melhoria do trabalho.

6. FOTOGRAFIA

Como estilo de câmera que observava sem interferir nas cenas, buscando ao máximo elementos de composição de imagem para fortalecer a fotografia do filme, como texturas, profundidade, harmonia de cores, ritmo e silhuetas, mas prevalecendo sempre o acontecimento como fator principal da escolha das cenas. Apesar das dificuldades de equipamentos, foi possível garantir a qualidade adotando a iluminação do ambiente disponível e assumindo os ruídos causados pela falta de fonte de luz. Usar uma iluminação mais trabalhada na entrevista principal deixou o trabalho mais profissional e descartaria possíveis críticas sobre a estética assumida nas demais cenas ter sido algo inconsciente. Na entrevista, usamos três fontes de iluminação: uma Luz lateral como fonte principal, um contra luz para dar recorte no entrevistado e descola-lo do plano de fundo e aproveitamos a iluminação da cidade ao fundo, formando uma composição com bastante contraste na imagem.



Figura 5: frame do Filme *Chega Mais*. Entrevista com Supremo Mc

Com a câmera na mão, assumi os balanços de câmeras como estética dando mais veracidade ao documentário, seguindo mais uma vez a hierarquia de prioridades em que os acontecimentos estão no topo e depois a qualidade da imagem e do som. Estar

com a câmera na mão foi também uma decisão de mobilidade nas cenas, pois facilita o deslocamento e permite captar os acontecimentos com maior agilidade, tendo em vista que não poderia repetir a cena por não ter conseguido filmar no momento acontecido, por conta da opção de uma câmera de observação.

Em planos próximo ou *close-up*, as cenas tem relação mais com a captação dos diálogos, pois como os recursos de gravação de áudio eram limitados, usando apenas o microfone da câmera para gravar o som direto. Foi também uma técnica de camuflagem para transformar a câmera em algo comum ao personagem, pois ao manter a câmera sempre próxima, deixou de ser algo estranho e a naturalidade do personagem assumiu seu lugar outra vez. Isso fez o filme criar uma relação de intimidade do espectador com o personagem.



Figura 6: frame do Filme *Chega Mais*. Câmera precisa estar próxima ao personagem para captar o áudio com clareza)

Manter um posicionamento de câmera específico e apropriado para cada cena, mostrou-se fundamental para criar essa relação de intimidade do personagem com o espectador, pois é através da câmera que o espectador enxerga todo o filme. Então, fui cuidadoso para não criar uma sensação de superioridade, nem de inferioridade do personagem mantendo a câmera ao máximo possível na mesma altura dos olhos do

entrevistado. Nesse sentido, atentei-me também à direção do olhar na hora da entrevista e dos bate-papos e pedi para que não falasse diretamente com a câmera deixando o espectador participar da conversa apenas como uma terceira pessoa que observa o papo.

Uma preocupação do diretor na filmagem de entrevista deve ser com a do direcionamento do olhar do entrevistado. A direção do olhar é guiada pela posição do entrevistador que pode estar dentro ou fora do quadro. Estando o entrevistador fora do quadro, uma única direção do olhar estabelece, para o espectador do filme, uma conversa com uma só pessoa mesmo que a voz dessa pessoa, o entrevistador, não seja ouvida. Dependendo da situação de filmagem e do assunto, essa orientação pode propiciar um tom mais intimista para a entrevista. (PUCCINI. 2007. P. 139-140)

7. SOM

Na captação de som encontrei as maiores dificuldades relacionadas a equipamentos, inclusive perdeu-se muito material interessante devido a ruídos no áudio. A falta de um microfone com um gravador independente, um abafador para eliminar a interferência do vento e até mesmo de um operador dedicado somente ao som foi extremamente prejudicial à qualidade no documentário. Optei então em assumir as interferências sonoras dos ambientes em todo o filme, inclusive na entrevista principal onde foi gravado propositalmente em ambiente externo para captar o som do ambiente. Do contrário teria uma diferença sonora muito grande entre a entrevista e o restante das cenas, podendo prejudicar a unidade sonora do filme.

Trabalhar com um tema musical, facilitou no sentido de conseguir a trilha sonora do filme, livre de direitos autorais, pois foi usado as próprias produções do personagem principal "O segredo do Jogo", "Diamantes são eternos", ambas de Supremo Mc e "Sensimiller", a banda local Complexo Ragga. Tendo como trilha principal "Diamantes são eternos", pois a letra dialoga com a narrativa do documentário.

Qual o preço que tu paga pra um sonho / Virar realidade na sua vida? / Quanto tempo que tu passa planejando / Pra no final das contas ver a etapa concluída? (Diamantes São Eternos - Supremo Mc, 2018)

A composição da montagem sonora ajudou também na suavização do documentário que está carregado de cenas em diferentes locações, a antecipação da música prepara o espectador para a transição na imagem, evitando o desconforto. Além disso uso como *back ground* nas entrevistas ameniza a percepção dos ruídos causados pelo ambiente e pelo próprio equipamento. Deixei intencionalmente que o silêncio se fizesse presente em alguns momentos, para dar um respiro sonoro aos espectadores, evitando que o filme ficasse poluído com tanta música e ruído. Como na cena em que Ruan se aproxima do carro e o silêncio permanece até o abrir da porta.



Figura 7: frame do Filme *Chega Mais*. Momento em que Ruan abre a porta do carro, rompendo com o silêncio do filme.

Ainda na época do cinema mudo a música já cumpria um papel importante na dramaturgia dos filmes, quando uma orquestra acompanhava as cenas por trás da tela, os “cantores se posicionavam atrás da tela para acompanhar as imagens de revistas musicais e operetas filmadas” (CARVALHO, 2009; p. 1), como relata Marcia Carvalho.

A transição para câmeras digitais e o avanço tecnológico facilitou a articulação entre música e imagem, com isso facilitou a produção de documentários musicais. *Chega Mais*, tem um perfil de documentário musical e não foi fácil construir uma narrativa que apresentasse a biografia musical do artista sem o filme perder as características de um *Documentário Reflexivo*. É importante destacar o cuidado de apresentar as músicas compostas por Supremo Mc e seu trabalho como cantor de um modo que elevasse esse lado artístico o colocando em parâmetro com os grandes artistas nacionais, escolhendo trechos significativos das músicas e apresentando os videoclipes como trabalho principal de Supremo.

O trabalho sonoro de um documentário musical deve mesmo ser apenas e tão somente estas performances musicais que são apresentadas como números musicais dentro da produção, sem qualquer projeção de novas articulações sonoras para a prática documental? (CARVALHO, 2008; p. 11)

As letras das músicas e a própria característica cultural do Rap, facilitam a transmissão de uma reflexão, pois busca o mesmo objetivo de atingir um público que desconhece essa arte.

8. MONTAGEM

Cortar e colar. Parece um trabalho simples, mas é nesse processo que o filme ganha vida. Diferente de um filme de ficção onde a montagem é definida na decupagem do roteiro, um documentário que pretende mostrar a realidade sem interferir nos acontecimentos, decidirá a real estrutura do filme na montagem. Muito além de apenas cortar e colar, esse trabalho exige extremo cuidado, pois pode até mesmo alterar o sentido de um documentário que foi totalmente filmado sem interferir nos acontecimentos, podendo inverter a opinião transmitida pelo material bruto. Os materiais brutos, sem metáforas, são fragmentos de realidade que será reconstruída através da montagem dando assim o poder ao documentarista de montar a realidade na ordem desejada.

Num filme de ficção de uma trama narrativa densa, a intervenção do cutter, que poderíamos chamar o artesão montador, situa-se na busca da fluidez, das melhores articulações possíveis, mais do que na arquitetura global da narrativa. Ela influencia a dramaturgia, as próprias formas da narrativa (AMIEL. 2007; p. 10)

Definir o filme na montagem, essa foi, de fato, a materialidade do meu filme, pois com tanto material em mãos, só ficou definido a estética do documentário após iniciar o trabalho da montagem construindo a narrativa capaz de transmitir uma história sem que fosse necessário um narrador. Um desafio, pois são duas histórias de um mesmo personagem que percorrem um mesmo caminho em direção a cultura do rap. De um lado Ruan na organização da festa *PODA DA PUNDA* do outro, Supremo Mc que conta seu envolvimento com o *rap*. Uma montagem paralela que se encontra nas últimas cenas do filme quando acontece a festa. Graças as possibilidades da montagem foi possível se fazer esse filme.

9. EQUIPAMENTOS

Conseguir os equipamentos necessários para uma produção audiovisual é sempre uma grande preocupação, tendo em vista o baixo orçamento de uma produção independente em que na maioria das vezes é um valor irrisório ou, literalmente, nenhum. Entretanto na era digital em que vivemos, contamos com o avanço da tecnologia que nos permite produzir cada vez com menos equipamentos, como por exemplo as câmeras DSLR que potencializam as produções de baixo custo. Nesse documentário pude contar com as câmeras de minha produtora fotográfica (Jackson Soares Fotografia), da câmera de Keity Emanuelle e de Amandia Moreira, além de contar com o apoio de algumas outras produtoras que fizeram o empréstimo de equipamentos como OSMO, Gravador de áudio, microfone e iluminação.

Segue abaixo a relação dos equipamentos usados nessa produção:

- Câmera Canon T3i – Lente 50mm 1: 1.8
- Câmera Canon T5i – Lente 18-55mm 1: 3.5-4.6
- Câmera Nikon D7100 – Lente 35mm 1: 1.8
- Câmera OSMO com estabilizador de imagem
- 2 iluminadores de led Yongnuo YN300
- Gravador de áudio Sony
- Microfone direcional Sony

Apesar das diferentes marcas de câmeras, pode se equilibrar as configurações para que seguissem o mesmo padrão de imagem. Balanço de branco, velocidade do obturador 1/60, filmado tudo em 1080p e 30 frames por segundo, assim não houve problemas de sincronização entre som e imagem no processo de edição e montagem.

10. PÓS-PRODUÇÃO

Com 150Gb de arquivo em mãos, não foi uma tarefa fácil analisar, escolher e montar um filme de 16 minutos. Foi obrigatório assistir todas as imagens para ter realmente certeza de qual seria a melhor opção na montagem. A prática e o equipamento de edição disponíveis, facilitaram o processo de montagem no qual encontrei as menores dificuldades de todo o processo. A edição foi feita em um único programa: "*Adobe Premiere*" onde tenho mais prática, o que me facilitou montar áudio e imagem. Ter optado em editar tudo em um único programa, foi uma questão de aproveitamento dos exercícios anteriores (X1, X2, X3 e Primeiro corte do filme), pois estando tudo no mesmo projeto foi possível resgatar as cenas já usadas nos outros exercícios. A organização dos arquivos foi fundamental para encontrar cada imagem ou som desejado, pois em meio a tantas imagens perderia muito tempo procurando.

A etapa de montagem do filme documentário marca o momento em que o documentarista adquire total controle do universo de representação do filme. Aqui não importa mais o estilo do documentário, toda a montagem implica em um trabalho de roteirização que orienta a ordenação das sequências, define o texto do filme dando forma final ao seu discurso. Mesmo no caso de não ser escrito no papel, o roteiro do filme virá impresso na maneira como este se apresenta ao espectador; será marcado pelas escolhas do documentarista que definem as imagens e os sons do documentário. (PUCCINI. 2007; p. 139-140)

A montagem segue o ritmo da trilha sonora desde os cortes, acompanhando a batida das músicas, assim como a cartela inicial e os créditos que já em X1 ficaram definidos. Ter feito os exercícios, além de esclarecer na prática as dificuldades encontradas ficaram guardados para usar como extras no menu do documentário, valorizando o projeto e arquivando o processo de evolução do filme.



Figura 8: Print da *timeline* do programa *Adobe Premiere* no projeto do filme *Chega Mais*

Gravado em DVD, em 480p, e arquivado em 1080p para uma possível disponibilização em mídia digital, o filme segue os padrões atuais de qualidade. Ainda não está certo a questão de exibição, pois existe a possibilidade de inscrição em festivais, mas no prazo máximo de 6 meses será disponibilizado para Ruan Cardoso, para que seja exibido em seus canais de mídia social.



Figura 9: Print da *timeline* do programa *Adobe Encore CS6* no projeto do menu do filme *Chega Mais*

Ao finalizar o filme, criar um menu bem elaborado pode contribuir para elevar o reconhecimento positivo dos espectadores, pois a décadas o formato de exibição por mídia de DVD traz o menu como parte em destaque no filme, principalmente nas grandes produções. Me preocupei em fazer um menu completo e uma capa bem apresentada, levantando a potência do material para poder atingir um padrão de qualidade que seguem as grandes produtoras.

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o percurso acadêmico no curso de Cinema e Audiovisual, pude aplicar o conhecimento adquirido nos diferentes períodos e disciplinas, videoclipe, curta metragem, roteiro, direção de atores e a produção de outros documentários. Entretanto, o trabalho de conclusão de curso tem uma característica diferente dos trabalhos práticos realizados anteriormente. No TCC, além da total dedicação ao trabalho devido a ser o último e principal trabalho do curso, existe a questão do tempo que fica disponível decorrente da grade curricular, no qual o último semestre fica dedicado apenas para TCC e estágio. É também a oportunidade de colocar em prática o conhecimento disponibilizado pelos professores, pois nos trabalhos práticos anteriores ainda faltavam conhecimentos de disciplinas dos semestres à frente.

Permanece neste memorial descritivo e analítico, todo o processo de produção do trabalho final e será um registro de memória certamente prazeroso recordação pessoal. Aprendo principalmente com os erros cometidos neste trabalho e levo todo conhecimento que com a insistência nos acertos e desacertos, ficam impregnados na memória. Mesmo assim considero que, apesar das dificuldades, cumpro a missão de finalizar um documentário como Trabalho de Conclusão do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Cumpro também o papel de deixar para a sociedade interessada, um trabalho que põe em reflexão uma cultura ainda desconhecida por muitos, principalmente em Vitória da Conquista- Ba, onde de se passa o documentário, dando voz a um representante dessa cultura, falando de suas experiências particulares, mas abordando os mesmos problemas vivenciados pelos demais artistas que trabalham com a mesma linha de pensamento cultural. Ressalto que faz parte da contribuição social, este Memorial que fica como material de pesquisa técnica e cultural para possíveis estudantes e demais interessados no assunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. A Indústria Cultural. In: COHN, Gabriel (Org). **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: Nacional, 1971.

AMIEL, Vincent. **Estética da montagem**. Lisboa. 2007

CARVALHO, Marcia. Breve panorama da canção no cinema brasileiro. In **Anais do 5º Encontro de Música e Mídia**, São Paulo, 2009.

NICHOLS, Bill. Que tipos de documentários existem? In: **Introdução ao Documentário**. 5. ed. São Paulo: Papiros Editora, 2010.

PUCCINI, Sergio. **Documentário e Roteiro de Cinema; da pré-produção à pósprodução**. Campinas - SP: S/N, 2007.